

PONTO DE INFLEXÃO RUSSO-UCRÂNIANO: A PERCEPÇÃO RUSSA DO CONFLITO NO LESTE DA EUROPA

Felype Ferreira Ernesto¹

RESUMO

Este artigo analisa o conflito russo-ucraniano sob a perspectiva das percepções e decisões estratégicas da Rússia, especialmente no governo de Vladimir Putin. O objetivo central é correlacionar os eventos-chave pós-Guerra Fria na perspectiva russa e os desdobramentos geopolíticos da invasão russa à Ucrânia iniciada em 2022. A metodologia empregada inclui pesquisa bibliográfica, com suporte teórico em autores como Angelo Segrillo, para realizar análise de eventos históricos e de políticas externas. No decorrer do processo, utiliza-se o conceito de Guerra Híbrida de Andrew Korybko para compreender as estratégias dos Estados Unidos da América (EUA) na região. A pesquisa aponta que a política externa russa oscilou entre assertividade e agressividade, influenciada pela expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e pelas Revoluções Coloridas fomentadas pelo Ocidente. Assim, a Rússia de Putin responde assertivamente a ameaças percebidas à sua segurança e influência regional.

Palavras-chave: Rússia; Ucrânia; Putin; Guerra Híbrida; Relações Internacionais.

ABSTRACT

This study analyses the Russo-Ukrainian conflict from the perspective of Russian strategic perceptions and decisions, particularly under Vladimir Putin's leadership. The research examines the post-Cold War historical context, the evolution of the Russian foreign policy, and the key geopolitical events leading to the 2022 invasion of Ukraine. The methodology employed includes bibliographic research, theoretical support from authors such as Angelo Segrillo,

events and foreign policies. The research also adopts Andrew Korybko's concept of Hybrid Warfare to understand U.S. strategies in the region. The findings indicate that Russian foreign policy oscillated between assertiveness and aggression, influenced by the North Atlantic Treaty Organization's (NATO) expansion and Colour Revolutions promoted by the West. Thus, Putin's Russia assertively responds to perceived threats to its security and regional influence.

Keywords: Russia; Ukraine; Putin; Hybrid Warfare; International Relations.

INTRODUÇÃO

A Rússia pós-Guerra Fria era uma nação enfraquecida, apesar de ser a maior herdeira da antiga superpotência, a União Soviética. “A destruição da URSS provocou, em termos geopolíticos, a reversão de séculos de crescimento territorial russo” (Bertonha, 2009, p. 19). Após o decreto de Mikhail Gorbatchov, que põe fim aopositor dos Estados Unidos América (EUA), Boris Yeltsin assume o comando do país. Esse período é marcado por uma Rússia incapaz de opinar nos assuntos geopolíticos e reflete muito bem a descrição de um império que acaba de perder seu poder. Nota-se que o Ocidente passou a não temer mais os países que antes compunham o bloco socialista no mundo, tendo em vista o alargamento da OTAN desde essa época. Assim, é evidente que “a expansão da OTAN em direção à Rússia alarmou os russos ainda sob o governo de Yeltsin, mesmo antes de Putin chegar ao poder” (Segrillo, 2023, p. 12). Entretanto, como o artigo mostrará adiante, essa dinâmica muda com a ascensão de Vladimir Putin à presidência da Rússia, fase que marca o fim desse período enfraquecido da Rússia em assuntos geopolíticos.

Com Putin no poder, a Rússia empreende uma série de mudanças internas no país e acaba influenciando a vida dos cidadãos russos. Nesse contexto, o sentimento crescente de nacionalismo passa a tomar conta da política doméstica russa (Segrillo, 2015), enquanto a política externa passa a ser de defesa dos interesses da nação, assim, a Rússia passa a negociar energia e com-

bustível fóssil em larga escala com os países europeus. Entretanto, é importante ressaltar que as iniciativas russas de ingressar no mundo cooperativo e capitalista não impediram o país de utilizar sua força bélica para solucionar conflitos e aumentar sua influência na região (Segrillo, 2015). Os conflitos da Geórgia em 2008, da Criméia em 2014 e da Ucrânia em 2022 são exemplos disso. Esse retrospecto belicoso não é aleatório e não pode ser ignorado quando se estuda a Rússia no século XXI. Logo, busca-se entender a tomada de decisão russa diante desses conflitos na tentativa de compreender a lógica da Rússia de Putin diante do cenário internacional multipolar, mas tendo como contraponto as intervenções da potência vencedora da Guerra Fria, os Estados Unidos.

Tendo em vista o que foi abordado anteriormente, a importância de tratar dessa temática vem do fato de alguns líderes estatais não conseguirem entender a maneira como Vladimir Putin interpreta e age nas Relações Internacionais. Entretanto, é difícil dizer, a partir da perspectiva ocidental, quais são as reais pretensões e motivações da Rússia, e esse aspecto de desconhecimento é o que traz à tona a temática abordada neste artigo. Compreender, minimamente, os aspectos básicos da cultura russa, da geografia na região e de como Putin toma suas decisões enquanto liderança máxima da Rússia, pode facilitar a busca por antecipar as ações e, possivelmente, eventuais novos conflitos no contexto do leste europeu.

Para tal, a metodologia empregada neste artigo o caracteriza como uma pesquisa exploratória em que o processo de obtenção de dados foi feito por meio da revisão bibliográfica em fontes secundárias. O problema que se buscou responder foi este: o que motivou a decisão russa de invadir militarmente a Ucrânia em 2022? O objeto pesquisado é o conflito entre Rússia e Ucrânia, ao passo que a tomada de decisão de Vladimir Putin sobre invadir o território vizinho em 2022 é o seu tema. Este estudo se propõe a analisar, primeiramente, os principais aspectos do contexto histórico pós-Guerra Fria da perspectiva russa e, posteriormente, os desdobramentos geopolíticos da recente invasão russa à Ucrânia. A hipótese do artigo considera que esses dois pontos funcionam como uma relação de causa e efeito. Ou seja, a correlação

de aspectos históricos e de desdobramentos geopolíticos, nesse contexto, pode ser reveladora quanto à motivação russa para invadir o território ucraniano em 2022, havendo a necessidade de identificar possíveis percepções distorcidas e decisões inadequadas por parte da Rússia de Putin.

Portanto, este artigo se divide em seis seções da seguinte forma: as duas primeiras buscam compreender a história da região diante do contexto russo; a terceira e quarta almejam mapear as motivações e intenções tanto da Rússia quanto dos EUA com o conflito na Ucrânia; e as duas últimas reúnem evidências que procuram apontar para a correlação entre as intervenções russas na região e possíveis distorções na percepção de política externa do governo russo.

Este artigo constitui uma versão resumida do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Ponto de Inflexão Russo-Ucraniano: a percepção russa do conflito no leste da Europa*. O texto retoma os principais referenciais teóricos, análises históricas e considerações finais da monografia, mas em formato mais conciso e adaptado às exigências de um artigo acadêmico. Dessa forma, preserva-se o núcleo da pesquisa original, oferecendo uma síntese crítica dos resultados alcançados e destacando os aspectos mais relevantes para o debate científico atual.

CONTEXTO RUSSO DE 1991 ATÉ 2025

Neste primeiro momento, propõe-se explicitar alguns dos principais eventos históricos que os russos presenciaram nos últimos anos de mandato de Gorbachev, passando pelo governo de Boris Yeltsin na década de 1990 até, finalmente, alcançar a atual Rússia de Putin dos anos 2000.

Para exemplificar o enfraquecimento russo no imediato pós-Guerra Fria, tem-se que a separação das repúblicas que faziam parte da União Soviética significou, em termos históricos, uma regressão das fronteiras russas em quase 400 anos (Bertonha, 2009). Além disso, a Federação Russa, surgida desse processo, tinha que lidar com problemas econômicos severos e com movimentos separatistas, como os chechenos, que utilizavam estratégias terroristas

para conseguir resultados (Segrillo, 2015). Ademais, os russos perderam tanta influência na esfera internacional que inviabilizaram a possibilidade de oposição aos movimentos expansionistas da OTAN e as iniciativas de integração, como no caso da Comunidade dos Estados Interdependentes (CEI), com antigas repúblicas soviéticas como a Ucrânia, por exemplo (Bertonha, 2009). Por fim, é possível apontar também o fato de que algumas comunidades russas ficaram de fora das fronteiras da atual Rússia, criando uma dependência demográfica com os vizinhos da região.

O período de transição no poder de Mikhail Gorbachev para Boris Yeltsin foi caracterizado por grandes desafios para a Rússia (Segrillo, 2015). Além dos problemas econômicos, que culminam em desigualdades estruturais, como o monopólio da economia e a influência na política por oligarcas, a insurgência de movimentos separatistas era uma realidade no país. O movimento independentista da Chechênia, sendo o principal deles, levou à Primeira Guerra na Chechênia (1994-1996). Na esfera internacional, a política externa russa encarava uma realidade pós-Guerra Fria em que o país “teve uma queda de prestígio, poder e território” (Bertonha, 2009, p. 118), permitindo a existência de movimentos expansionistas da OTAN que violavam um suposto acordo informal de Gorbachev com líderes ocidentais. A Rússia assistiu esse processo se desenrolar sem conseguir se opor.

De qualquer forma, por volta de 1990, já era evidente que as reformas de Gorbachev estavam definitivamente falidas. A economia, que ele havia tentado reformar, estava praticamente em colapso e a instabilidade política era crescente. Por fim, a capacidade soviética para agir como superpotência estava reduzida a quase zero, com Moscou tendo que aceitar a perda da sua área de controle exclusivo no leste europeu, a unificação alemã e a intervenção norte-americana no Oriente Médio sem poder se manifestar (Bertonha, 2009, p. 116).

Dessarte, esses e outros fatores são herdados pelos governos posteriores da Rússia e criam, segundo Wood (2018), um sistema político e uma dinâmica de poder que favorecem o fortalecimento de figuras políticas mais autoritárias. Assim, a partir de 1999, Vladimir Putin assume o posto de presidente russo, mas as circunstâncias adversas ainda estavam presentes: internamente, problemas econômicos e políticos severos; externamente, perda subs-

tancial de prestígio e de influência na esfera internacional, bem como os movimentos separatistas dos chechenos (Segrillo, 2015).

Dada a desordem e a anarquia que tomaram o país nos anos Yeltsin, é natural que muitos russos tenham visto com bons olhos uma política de “Estado Forte”. Contou também, provavelmente, o tradicional respeito russo pela ordem e pela autoridade, adquirido e fortalecido por séculos de autoritarismo czarista e por décadas de regime soviético (Bertonha, 2009, p. 130).

Em um primeiro momento, o governo de Putin fortaleceu a democracia e as bases econômicas do país. Ao adotar um posicionamento de confronto contra os oligarcas que estavam entranhados na política, observa-se que o Estado russo passa a estatizar e a confiscar bens de empresas que haviam sido privatizadas no governo de Yeltsin. Como o processo adotado pelo governo anterior havia falhado no sentido de garantir a lisura, tornou-se possível abrir processos de investigação e confiscar bens dos oligarcas (Segrillo, 2015). Dessa forma, Putin restabeleceu o controle estatal sobre os setores estratégicos da economia russa, como o de energia, e, concomitantemente, reduziu a influência esmagadora que o grupo oligárquico exercia na política da Rússia. Além disso, outras medidas como incentivos à venda de petróleo e de gás, bem como a política de poupar e de investir recursos financeiros para conter crises, melhoraram progressivamente a economia russa e a qualidade de vida da população.

De qualquer modo, entre 2000 e 2005, a economia russa cresceu cerca de 6% ao ano, levando a aumentos nos investimentos e no consumo interno. Reformas no sistema de impostos e racionalização dos gastos públicos também permitiram superávit fiscal e melhoria nas condições financeiras do Estado (Bertonha, 2009, p. 132-133).

Por outro lado, Vladimir Putin confrontou os chechenos, os quais utilizavam táticas terroristas para buscar a independência, com poder de fogo do exército russo, criando, assim, a Segunda Guerra da Chechênia (1990-2000) (Segrillo, 2015). A Rússia saiu vitoriosa e fortalecida do conflito, pois forçou os chechenos a fazerem parte da Federação Russa, além de elevar a moral de seus combatentes.

A temática de combate ao terrorismo permaneceria presente nas relações entre a Rússia de Putin e os países ocidentais, em especial com os Estados Unidos da (EUA). Após

o atentado de 11 de setembro de 2001, Putin foi um dos primeiros presidentes do mundo a demonstrar solidariedade aos norte-americanos (Segrillo, 2015). E, mais do que isso, a Rússia se tornou uma importante aliada no combate ao terrorismo no Afeganistão em 2003, sendo os russos responsáveis por ajudar os EUA a mobilizarem tropas e veículos militares, além de compartilhar uma série de informações a respeito dos grupos terroristas da região. Esse movimento do governo de Putin aproximou a Rússia do Ocidente, o qual começa a fazer menção de integrar os russos em mecanismos multilaterais ocidentais, como o grupo OTAN + Rússia (Segrillo, 2015). Dessarte, observa-se que a Rússia começa a reconquistar seu prestígio e sua influência no cenário internacional.

Com uma Rússia novamente fortalecida, seria possível defender os interesses do país de maneira mais eficaz. A partir desse momento, toda e qualquer menção da OTAN de se expandir era rebatida com respostas assertivas dos representantes russos. O processo que melhor demarca esse processo de assertividade russa é o discurso do presidente na Conferência sobre Segurança Internacional no ano de 2007, sediada em Munique. Essa declaração evidencia, de forma contundente, o tom assertivo e pouco diplomático do presidente russo, ao mesmo tempo em que delimita com clareza suas preocupações em relação à política externa ocidental, principalmente no que se refere à “insustentabilidade do modelo unipolar norte-americano” (Putin, 2007, n.p.). Ao misturar ironias, sátiras, seriedade e política externa, Putin esclarece para todos os ouvintes que os russos estavam dispostos a cooperar em termos iguais, mas que não aceitariam mais provocações do Ocidente, em especial dos EUA, sobretudo por meio da OTAN. Portanto, o discurso planejado e estruturado para ser um aviso acabou se tornando um desafio para os líderes ocidentais que continuam a expansão da OTAN em direção às fronteiras da Rússia.

Diante desse percurso histórico, que evidencia a transição de uma Rússia enfraquecida no pós-Guerra Fria para uma postura progressivamente mais assertiva sob a liderança de Vladimir Putin, torna-se pertinente sistematizar esses processos de forma sintética. Nesse sentido, o Quadro 1 organiza os principais

períodos, suas características centrais e os eventos-chave que marcaram essa trajetória, permitindo visualizar com maior clareza a evolução do posicionamento russo no cenário internacional. Percebe-se também que algumas datas cronológicas ultrapassam a transição de período. Esse aspecto representa acontecimentos de longa duração, como ocorreu no caso do conflito com a Chechênia iniciado por Putin ao assumir a presidência em 1999 e que perdurou até após o término de seu segundo mandato em 2007. Nesse sentido, a transição dos períodos da Rússia assertiva para Rússia agressiva é marcada pela invasão à Geórgia em 2008, ou seja, mesmo que o conflito com a Chechênia permaneça vigente, um novo evento-chave de maior importância e repercussão toma lugar e faz a transição no posicionamento da Rússia. Ademais, é válido lembrar que a caracterização do período leva em consideração não somente o posicionamento da Rússia, mas também a reação de outros Estados ao evento-chave; ou seja, após as investidas na Geórgia em 2008, o mundo ocidental passa a observar a Rússia como uma potência agressiva e esse aspecto auxilia a determinar a transição de períodos. Assim, é importante buscar analisar as prováveis intenções russas e possíveis paralelos deste último evento-chave com o restante do período da Rússia agressiva, caracterizados no quadro a seguir.

Quadro 1- Síntese do Contexto Histórico Russo de 1889 a 2024

Período	Caracterização	Eventos-chave
Rússia enfraquecida (1989-1999)	No imediato pós-Guerra Fria até o fim do governo Yeltsin, observa-se uma Rússia totalmente debilitada e impossibilitada de defender seus interesses na esfera internacional.	Eventos-chave: Acordo informal entre Gorbachev e OTAN (1989-1990); Queda do Muro de Berlim (1989); Desintegração da URSS (1991); Terapia do Choque (1991); Rússia de Yeltsin x Chechênia (1994-1996); e Boris Yeltsin se retira do poder por questões de saúde (1999).
Rússia assertiva (1999-2008)	Com a ascensão de Putin ao poder, observa-se uma Rússia que começa a se recuperar e que busca maneiras de se relacionar pacificamente com a OTAN e com o ocidente no geral.	Eventos-chave: Combate ao terrorismo internacional (1999-2003); Revoluções Coloridas (2003-2004); Discurso de Vladimir Putin na Conferência de Munique (2007); e 20ª Reunião de Cúpula da OTAN em Bucareste (2008); Rússia de Putin x Chechênia (1999-2009).
Rússia agressiva (2008-2024)	A partir dos movimentos expansionistas da OTAN, observa-se uma Rússia que utiliza a força e o poder militar para defender seus interesses na esfera internacional.	Crise no mundo capitalista (2008-2009); Conflito da Geórgia (2008); Anexação da Crimeia (2014); e Conflito na Ucrânia (2022-2024).

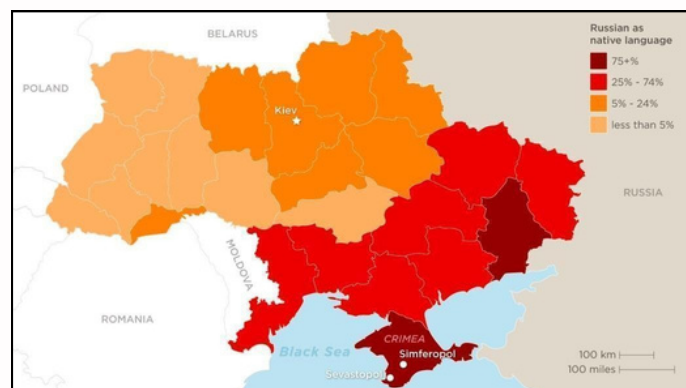
Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Segrillo (2015)

ATUAL CONFLITO RUSSO-UCRANIANO: PARALELOS DE 2014 - 2022

A situação da Ucrânia, assim como a de diversas ex-repúblicas soviéticas, apresenta-se como particularmente complexa. Ao mesmo tempo em que a aproximação com a potência regional, a Rússia, pode ser considerada vantajosa, também se coloca a possibilidade de integração às instituições e organizações ocidentais europeias. Sob essa ótica, percebe-se ainda que a Ucrânia possui uma divisão ideológica interna; segundo Segrillo, Reis e Ferraro (2023), há indivíduos que nasceram na Ucrânia, mas se identificam como russos, sendo, portanto, russos étnicos ou então Russkii. Dessarte, os russos étnicos compõem a parcela da população da Ucrânia que utiliza a língua russa e preserva práticas culturais e costumes associados à Rússia, mesmo residindo fora de seu território. Por outro lado, há grupos de ucranianos que falam o idioma ucraniano e possuem práticas e costumes ligeiramente diferentes daqueles dos russos e não se veem como parte da Rússia. Enquanto os ucranianos étnicos defendem veementemente independência, e em alguns casos afastamento da Rússia, os russos étnicos desejam uma aproximação, e em alguns casos anexação territorial com a Federação da Rússia. Essa divisão ficou evidente a partir do momento em que dois candidatos à presidência ucraniana defendiam posicionamentos diferentes nas eleições de 2004 e de 2010, o que contribuiu para o acirramento das tensões que culminaram na crise na Crimeia em 2014 (Segrillo, 2015).

Essa dinâmica, além de política, possui uma dimensão espacial bem definida, uma vez que essas identidades e preferências geopolíticas se distribuem de maneira desigual pelo território ucraniano, como ilustra a Figura 1 a seguir:

Figura 1 - Percentual da Ucrânia que tem o Russo como Língua Nativa



Fonte: CNN (2014)

A parcela oeste do território ucraniano e, fisicamente mais próxima da Europa Ocidental, tende a desejar uma maior aproximação com a União Europeia e, por vezes, com a OTAN. Por outro lado, a parte leste da Ucrânia, fronteiriçamente mais próxima da Rússia, comumente almeja uma maior integração com a Rússia. Os dois interesses são opostos entre si, e agradar um lado significa necessariamente desagradar o outro. A temática da proximidade com os russos dividiu a Ucrânia nas eleições de 2010 e, posteriormente, no conflito armado com o país, as duas percepções defendidas pela população ucraniana se traduziram em diferentes interesses dentro do mesmo país. Assim, surgem os problemas dos Estados com múltiplas nacionalidades, onde parcelas da população de um mesmo país divergem sobre aspectos fundamentais a respeito do seu Estado (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023).

Na retoma da cronologia, observa-se que o período de 2004 é influenciado sobremaneira pelas Revoluções Coloridas, promovidas na região pelo Ocidente, em especial pelos EUA. Essas revoluções pautaram a política externa estadunidense e eram movimentos a favor da democracia, instigando organizações pró-ocidente nas ex-repúblicas soviéticas. Assim,, o incentivo que os EUA fizeram na região resultou na eclosão de tendências destinadas à integração com os blocos ocidentais, em especial com a União Europeia e OTAN, resultando no enfraquecimento da vigência de grupos a favor de uma aproximação com a Rússia (Segrillo, 2015).

Em 2004, Viktor Yanukovich, candidato

pró-Rússia nas eleições ucranianas para presidente, foi derrotado após uma polêmica recontagem de votos que inicialmente o havia dado a vitória, mas posteriormente indicou como vencedor o candidato da oposição, Viktor Yushchenko. Nesse sentido, observa-se o evidente descontentamento russo com o processo, principalmente diante do anúncio dos resultados em que o candidato pró-ocidente venceu, mas nenhum movimento de interferência foi feito por parte do governo de Putin. Por outro lado, as eleições de 2010 provaram novamente que a parcela de russos étnicos dentro da Ucrânia a favor da integração com a Rússia é expressiva, pois Viktor Yanukovich, pró-Rússia, é eleito como presidente da Ucrânia após a impopularidade do governo anterior (Segrillo, 2015).

Em 2014, no entanto, é perceptível o posicionamento incisivo da Rússia em relação à crise dentro da Ucrânia. A partir do momento em que Yanukovich é expulso do seu próprio país e do seu cargo por revoltas generalizadas, os russos agem. Observa-se que a “Crimeia, através da liderança separatista que ali emergiu, solicitou à Putin sua reincorporação à Rússia, no que foi atendida” (Segrillo, 2015, p. 223). Em um único movimento, a Rússia anexou a região da Crimeia, 18 de março de 2014, que anteriormente pertencia à Ucrânia. Essa anexação é seguida de um plebiscito, o qual não é reconhecido internacionalmente, principalmente pelos países ocidentais, em que supostamente se confirma a aprovação popular para fazer parte do território russo. O que se segue depois disso são reclamações oriundas de diversas regiões do mundo com a forma autoritária com que Putin estava lidando com essas pautas internacionais (Segrillo, 2015). Essas acusações foram tratadas de maneira quase que indiferente pelo governo russo.

Em 2022, percebe-se um posicionamento enfático da Rússia em relação à Ucrânia, novamente. Nos primeiros dias dessa nova guerra, Putin anunciou que um de seus objetivos no conflito era “desnazificar” a Ucrânia. Segundo Segrillo, Reis e Ferraro (2023, p. 13), “Essa afirmação é um exagero absurdo de uma verdade pontual”. Seguindo a perspectiva ocidental, a retórica de Putin ao justificar a invasão não se sustenta. Os três principais princi-

pais argumentos usados pelo presidente russo foram: a expansão da OTAN; a proteção das minorias russas dentro da Ucrânia; e a desnazificação da Ucrânia. Os autores, no entanto, argumentam três pontos: que a expansão da OTAN não estava prevista no curto nem no médio prazo para os ucranianos ao contrário do que Putin fez parecer; que a invasão de tropas russas em território deixou a população civil mais vulnerável, incluindo os russos étnicos; e que a bandeira de desnazificação era apenas uma estratégia argumentativa para “demonização” do adversário (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023). Logo, é possível intuir que as motivações russas, apesar de passarem por esses pontos, vão além dos aspectos supracitados: o presidente russo estaria se valendo da retórica para esconder as verdadeiras motivações russas na Ucrânia.

É oportuno apontar uma reflexão sobre a questão estratégica desta invasão. Discursos podem ser vazios, os interesses e receios, nem tanto. Este artigo, portanto, debruçar-se-à sobre essa questão na seção subsequente.

DISPUTA VELADA: MOTIVAÇÕES RUSSAS

Diante do cenário apresentado, torna-se necessário refletir sobre as motivações pelas quais a Rússia se sente ameaçada com a expansão do ocidente, em especial da OTAN, com vistas à compreensão do conflito a partir da percepção russa. No que tange a questões geográficas, Marshall (2015) apresenta argumentos consistentes que podem revelar as motivações de Putin na Ucrânia. Ao analisar a história russa, sob essa perspectiva, é essencial ressaltar que foi nessa região de fronteira com a Ucrânia que a Rússia sofreu duas investidas poderosas: uma de Napoleão Bonaparte em 1812 e outra de Hitler entre 1940 e 1941. Segundo o autor, esse aspecto de segurança territorial se repete na história da Rússia e “enquanto governos pró-Rússia se mantêm em Kiev, a buffer zone russa permanece intacta e guarda a planície europeia” (Marshall, 2015, p. 5, tradução do autor).

Ainda nesse argumento, outros autores como Mearsheimer (2014), argumentam que as circunstâncias internas e a localização geográfica da Ucrânia limitam, na prática, a possibilidade de

um posicionamento internacional plenamente independente, seja em relação à Rússia, seja ao Ocidente. Ainda de acordo com o autor, a alternativa mais viável para o país seria assumir a condição de “Estado tampão”. Diante de um contexto regional marcado pela presença de grandes potências, notadamente a Rússia e os países da Europa Ocidental, os interesses internos da Ucrânia tendem, em determinados momentos, a se subordinar aos interesses externos dessas potências. Caso contrário, o risco de conflito militar torna-se elevado (Mearsheimer, 2015).

Comenta-se que esse interesse de guardar a planície europeia e de ter acesso a portos de água quente permanece constante na história russa, independentemente do alinhamento político do líder da nação como aponta Marshall (2025, p.8, tradução própria):

[...] desde o Grande Principado de Moscou, passando por Pedro, o Grande, Stalin e agora Putin, cada líder russo foi confrontado com os mesmos problemas. Não importa se a ideologia do governo é czarista, comunista ou capitalista, os portos ainda congelam e a planície europeia ainda permanece sem montanhas.

Ao observar o relevo da região que liga ambos os países, percebe-se que existe naquele espaço uma enorme planície que facilitaria, por exemplo, o deslocamento de tropas e de veículos com direção a Moscou. Marshall (2015) satiriza o fato de que Putin, afirmando ser um cristão ortodoxo convicto, deve rezar e questionar diariamente Deus do porquê a fronteira oeste com a Ucrânia e com a Europa não possui montanhas. Essa região fronteiriça não possui cobertura natural por conta do relevo mais aplainado e é alvo, historicamente, de investidas russas em busca do controle por se tratar de uma vulnerabilidade ao Estado russo centrada em Moscou. Isso explica, em parte, a razão da Rússia de Putin buscar, por todos os meios possíveis, o controle do Dombás² e quicá de todo o território ucraniano. Caso a Ucrânia passasse a fazer parte da OTAN, seria possível aos países membros da Organização estabelecer bases militares e artilharia pesada com possibilidade de alcançar Moscou rapidamente.

Segundo Marshall (2015), o presidente Vladimir Putin possui as mesmas heranças e as mesmas pendências históricas que outros líderes russos tiveram: a planície europeia, já discutida, e

os portos que congelam durante grande parte do ano. Durante centenas de anos, desde a época dos czares russos, o país busca saída para oceanos e mares quentes, porque seus portos ficam inutilizáveis durante o inverno. Ao somar esse fator à preocupação russa sobre segurança no leste da Europa, é possível compreender a anexação da Criméia em 2014 e a reação agressiva da Rússia de Putin quando a Ucrânia em 2022 buscou se aproximar das organizações ocidentais, como a OTAN. Segundo o autor, os registros históricos revelam que a Rússia, em média, tem conflitos bélicos nessa mesma região e por esses mesmos motivos uma vez a cada 30 anos.

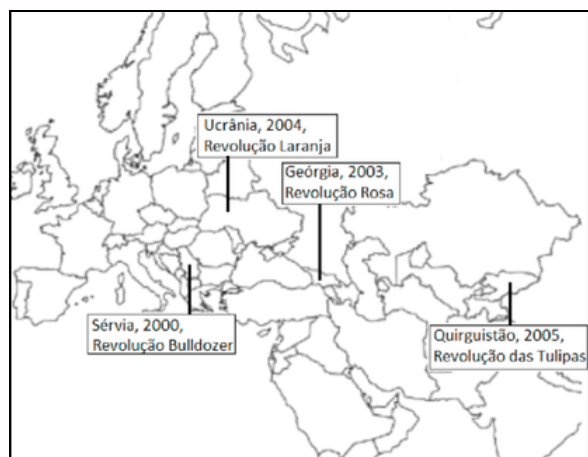
DISPUTA VELADA: INTENÇÕES NORTE-AMERICANAS

Após a análise do conflito pelo prisma da percepção russa, torna-se possível observar como os EUA podem ter influenciado diretamente nesse contexto. O contexto geopolítico contemporâneo é profundamente diferente da época da Guerra Fria. Segundo o autor Andrew Korybko (2018), iniciar conflitos convencionais com outros Estados em busca de interesses próprios vem a custos políticos elevados. Assim, a política externa dos EUA faz uma transição e passa a aplicar metodologias de “Guerra Híbrida”, as quais podem ser categorizadas como um tipo de confronto indireto e, por vezes, assimétrico. Esse novo tipo de conflito busca reduzir os custos políticos das intervenções militares internacionais, pois substituem as tropas convencionais por movimentos sociais contra o regime atual do país.

Segundo Korybko (2018), a estratégia consiste em desestabilizar o Estado alvo com movimentos sociais, também chamados de “Revoluções Coloridas” e busca retirar do poder o governo que se mostra um empecilho aos norte-americanos. Caso isso não seja suficiente, passa-se a segunda etapa que são as “guerras não convencionais”. Essas últimas possuem a característica de serem indiretas e de utilizarem grupos locais para realizar a reforma do governo com base na força; na prática, isso cria uma guerra civil dentro do país alvo, desestabilizando-o politicamente e economicamente.

A figura 2, apresentada a seguir, ilustra de forma sintética os anos, os nomes e os países que passaram pelo processo de Revoluções Coloridas:

Figura 2 - Revoluções Coloridas no Leste da Europa



Fonte: Campos, Lobo, Azevedo (2019).

Nesse contexto, no Leste da Europa, especialmente próximo à Rússia, ocorreu uma série de movimentos e de tentativas de reforma dos governos, sendo chamadas de Revoluções Coloridas (Korybko, 2018). Ainda segundo o autor, essas revoluções são os primeiros passos que os EUA utilizam para desestabilizar um Estado alvo e para buscar uma troca forçada de governo. A título de exemplificação, o breve conflito que a Rússia iniciou na Geórgia em 2008 teve como motivação, além do possível ingresso desse último na OTAN, a Revolução Rosa que retirou do poder na Geórgia um governo aliado de Putin.

Voltando ao caso ucraniano, é possível especular que os EUA, ao entender a importância dessa região e desse país no contexto geopolítico, escolheu a Ucrânia como alvo para as operações de guerras híbridas (Korybko, 2018). A Revolução Laranja em 2004 derrubou o candidato pró-Rússia no momento e instaurou um governo mais alinhado com os interesses norte-americanos. Anos depois, nas eleições ucranianas de 2010, esse mesmo governo perde nas eleições para o candidato alinhado à Rússia. Dessarte, os EUA passaram para o segundo passo das guerras híbridas, as guerras não convencionais. A Ucrânia foi submetida a um

momento extremamente turbulento politicamente, no qual o presidente eleito, Viktor Yanukóvytch, eleito em fevereiro de 2010 e deposto do seu cargo em 2014, buscou exílio na Rússia (Segrillo, 2015). Como mostrado anteriormente, a Ucrânia possui profundas divisões étnicas e políticas, sendo que a região do Dombás, atual foco de conflito, demonstrava interesse de aproximação com a Rússia desde 2004.

Assim, a crise da Crimeia em 2014, da perspectiva dos EUA, é, na verdade, uma derivação do segundo passo do processo de Guerra Híbrida iniciada em 2004 com a revolução laranja, uma vez que se encaixa na descrição de guerra não convencional (Korybko, 2018). O aspecto distintivo nesse contexto é a presença direta da Rússia. Sob a perspectiva russa, o caso da Crimeia foi praticamente um conflito convencional, uma vez que tropas russas estiveram fazendo o confronto e a anexação do território diretamente. Esse cenário levou os norte-americanos recuarem, pois com as tropas russas executando a anexação, seria praticamente impossível evitar uma escalada da tensão que veio realmente a acontecer em 2022.

Partindo dos pressupostos levantados por Korybko (2018), seria possível dizer que os movimentos russos, tanto na Geórgia, em 2008, quanto na Crimeia, em 2014, foram respostas às revoluções coloridas e às guerras não convencionais que os próprios EUA fomentaram na região. Segundo Mearsheimer (2014), a decisão dos EUA de expandir a OTAN e de incentivar países do leste europeu a integrarem o bloco Ocidental pode indicar que a política externa norte-americana estava seguindo ilusões liberais de integração por meio de organizações internacionais. Ainda segundo o autor, os líderes ocidentais não interpretaram corretamente que Vladimir Putin já havia resolvido jogar com *hard balls*, em que o grande pivô da Crise na Ucrânia, iniciada em 2014 com a anexação da Crimeia, teria ocorrido por conta de uma distorção na visão dos norte-americanos.

Logo, as evidências apontam para a intencionalidade norte-americana em desestabilizar regimes e governos pró-Rússia no leste da Europa mediante as Revoluções Coloridas e outras estratégias de Guerra Híbrida. Por outro lado, a Rússia de Putin identificou esses

processos e esses movimentos pró-ocidente nas ex-repúblicas soviéticas como uma ameaça existencial, tomando a decisão de invadir territórios vizinhos para manter sua influência na região. Diferentemente do discurso ecoado por Putin, isso se deu por motivações geopolíticas que a Rússia sempre precisou lidar em sua história (Marshall, 2015).

HOUE DISTORÇÕES NA PERCEPÇÃO RUSSA?

A partir deste ponto, reconhece-se que a Rússia possui interesses geopolíticos na Ucrânia, buscando reduzir possíveis vulnerabilidades em sua fronteira com o vizinho. Uma vez compreendido o eixo central do conflito, passa-se a investigar em que medida a decisão de invadir a Ucrânia pode estar associada a uma leitura distorcida da realidade estratégica internacional, com vistas à resposta da indagação formulada.

A percepção de atores nas Relações Internacionais pode diferir da realidade objetiva, bem como entre diferentes agentes internacionais, a exemplo da Rússia e dos Estados Unidos, mesmo que o ponto focal de observação seja o mesmo ou semelhante. Essa diferença de observação do mundo e dos atores pode se justificar por causa de certas distorções, chamadas *misperceptions*; essas são “más interpretações do ambiente” (Jervis, 2017, p. 152) que líderes de Estado cometem de maneira específica e, por conta disso, “chegam a decisões inapropriadas” (Jervis, 2017, p. 153). Segundo o autor, isso ocorre porque nem sempre a percepção do ator condiz com a realidade.

Imagine um conjunto de indivíduos, variando amplamente em suas predisposições, que se encontram dentro de uma casa em chamas. Seria perfeitamente realista esperar que esses indivíduos, com raras exceções, se sentissem compelidos a correr em direção às saídas [...] ortanto, para explicar a corrida em direção às saídas, não há necessidade de analisar as decisões individuais que a produziram. Dizer que, uma vez que os tomadores de decisão percebem o incêndio, eles se dirigirão às saídas nos leva de volta à análise da tomada de decisão. Para Churchill, a casa estava em chamas logo após Hitler chegar ao poder na Alemanha; para Chamberlain, isso só ocorreu após março de 1939; e, para outros, nunca houve incêndio algum. [...] Os tomadores de decisão podem até concordar que a existência de seu Estado está ameaçada, mas discordar quanto à origem dessa ameaça. Em casos extremos, podemos especificar com certa segurança um indicador do “incêndio” que todos os tomadores de decisão reconhecerão — por exemplo, um grande ataque armado — e podemos estar relativamente certos de que o Estado reagirá. Mas, mesmo assim, a situação objetiva não determinará todos os aspectos da resposta do Estado (Wildavsky, 1962, p. 308-309 apud

Jervis, 2017, p. 142-143, tradução própria).

No que se refere ao tema em questão, quando relacionado ao evento-chave, a invasão russa à Ucrânia em 2022 (Quadro 1), à estratégia de Guerra Híbrida norte-americana no leste europeu (Korybko, 2018), não é possível identificar uma má interpretação por nenhuma das partes. Portanto, pode-se afirmar que o conflito russo-ucraniano, que tem como pano de fundo a expansão da OTAN e a disputa na fronteira entre os beligerantes, é, na verdade, guiado pelo fato de que os líderes estadunidenses e Vladimir Putin “divergem nas suas visões de mundo em geral e nas suas percepções de outros atores em específico, mesmo que estejam sob as mesmas circunstâncias” (Jervis, 2017, p. 153, tradução própria). Isso significa que tanto russos quanto norte-americanos atribuem elevada importância estratégica à região onde hoje se encontra a Ucrânia, ainda que por motivos distintos³.

Sob a perspectiva russa, exercer influência sobre o território ucraniano é vital para a segurança nacional, uma vez que a fronteira entre os dois países não apresenta barreiras naturais significativas, como cadeias montanhosas ou densas florestas (Marshall, 2015). Dessa forma, uma eventual invasão terrestre à Rússia provavelmente ocorreria por essa região. Nesse contexto, o argumento do presidente russo sustenta que, caso a Ucrânia passasse a integrar o sistema de defesa coletiva europeu, a OTAN, seria possível atingir a capital russa, Moscou, sem tempo hábil para reação (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023). A esse raciocínio somam-se dois elementos importantes. Primeiro, Vladimir Putin pode ser compreendido como um ocidentalista moderado (Segrillo, 2016), isto é, alguém que prioriza os interesses nacionais acima de um projeto de integração plena entre Rússia e Europa, diferentemente de seu antecessor, Boris Yeltsin. Segundo a interação da Rússia com o Ocidente, especialmente com os Estados Unidos, é pautada atualmente por uma lógica de inimizade⁴ (Mielniczuk, 2006).

É possível apontar que não houve *misperception* por parte da Rússia. Há evidências o suficiente para dizer que a interferência norte-americana realmente ocorreu e isso seria inaceitável para a Rússia, segundo o próprio Putin (2007). A partir do momento que as Revo -

luções Coloridas são vistas como ameaça e isso é verbalizado pelo presidente russo, todo e qualquer movimento norte-americano que continuasse essa política seria visto como ameaçador. Apesar disso, argumenta-se que a vontade original do líder russo seria a de promover uma integração com o Ocidente, tendo em vista que o presidente poderia ser incluído no espectro ocidentalista⁵, ainda que em uma vertente moderada (Segrillo, 2016). No entanto, à medida que os interesses russos passaram a ser ameaçados, o governo da Rússia adotou uma postura mais incisiva e, por vezes, agressiva, em consonância com o registro histórico de posicionamento progressivamente mais assertivo (Quadro 1).

INFERÊNCIAS POSSÍVEIS

Agora que a possibilidade de uma misperception foi equacionada, empreende-se em responder o questionamento: a decisão pela invasão à Ucrânia foi premeditada ou resultante de circunstâncias?

Com base em toda a argumentação até o momento, seria possível fazer a inferência de que as circunstâncias externas à Federação da Rússia pré-determinaram a tomada de decisão russa sobre invadir a Ucrânia. Ou seja, caso os norte-americanos não tivessem se valido das táticas de Guerra Híbrida (Korybko, 2018) teria sido possível evitar toda a crise na Ucrânia. Entretanto, essa lógica não pode ser provada nem validada. Segundo Jervis (2017), a tomada de decisão de líderes de Estado também envolve processos subjetivos que não podem ser contemplados totalmente por análises lógicas que se relacionam apenas às informações objetivas, interesses e políticas de governo adotadas.

Por fim, não se pode provar que o ambiente externo determina a resposta simplesmente mostrando que os tomadores de decisão acreditavam que esse era o caso. [...] A sensação subjetiva de determinismo é interessante e pode levar os tomadores de decisão a restringirem desnecessariamente sua busca por alternativas, mas isso não demonstra que outros tomadores de decisão na mesma situação teriam sentido a mesma compulsão e agido da mesma forma. (Jervis, 2017, p. 143, tradução própria).

Por outro lado, também seria possível fazer a inferência de que as circunstâncias internas

russas pré-determinaram a tomada de decisão sobre invadir a Ucrânia. Ou seja, a percepção sobre o perigo potencial dos fatores geográficos, como a ausência de relevo montanhoso ou de cobertura vegetal, na fronteira russo-ucraniana (Marshall, 2015) e a desconsideração da soberania na Ucrânia por conta dos fatores históricos e demográficos (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023) ainda permaneceriam como motivação para Putin exercer poder na vizinhança próxima. Entretanto, o autor novamente aponta para o fato de que há “variações significativas nas formas como as pessoas veem o mundo e que essas variações afetam como elas agem” (Jervis, 2017, p. 136). Isso implica que a percepção individual do líder estatal não é capaz de ditar os resultados de uma política de Estado.

[...] “Se é assim que o estadista viu a situação, não é de se admirar que ele tenha agido como agiu.” Mas o conforto que sentimos com esse tipo de explicação não deve nos cegar para o fato de que, a menos que haja variações significativas nas formas como as pessoas veem o mundo e que essas variações afetam como elas agem, não precisaríamos explorar o processo de tomada de decisão para explicar a política externa [...] As especificidades do evento desencadeador não podem explicar o resultado, porque muitos eventos prováveis poderiam ter sido substitutos dele [...] A lógica, por si só, não pode nos dizer que uma afirmação semelhante sobre o processo de decisão é inválida: a forma como as pessoas percebem os outros e tomam decisões influencia apenas marginalmente os resultados (Jervis, 2017, p. 136, tradução própria).

Em situações de conflito internacional, a retórica de Putin tende a aproveitar das ações norte-americanas e dizer que a decisão de invadir a Ucrânia é resultante de circunstâncias. Nesse sentido, a argumentação apresentada combina elementos potencialmente plausíveis com outros de caráter mais controverso, utilizados para justificar as ações empreendidas. Dentro dos válidos, aponta-se para o ano de 2014; a principal consequência da chamada revolução Euromaidan de 2014 levou os ucranianos à guerra civil e acabou por destituir o presidente pró-Rússia Viktor Yanukóvytch, levando à reação russa de anexar a Crimeia. Apesar de Segrillo, Reis e Ferraro (2023) dizerem que é muito difícil apontar se todo esse processo foi legítimo ou não, a perspectiva de Guerra Híbrida de Korybko (2018) traz claramente que essa revolução se deu, em grande parte, à intervenção norte-americana na região. Além disso Segrillo, Reis e Ferraro (2023) concordam

que a expansão da OTAN foi um aspecto que contribuiu para a postura agressiva russa e pode justificar a invasão à Ucrânia em 2022; esse aspecto em específico já havia sido analisado e parcialmente explicado tanto por Mearsheimer (2014) quanto por Marshall (2015).

Por outro lado, nos argumentos exagerados, segundo Segrillo, Reis e Ferraro (2023), seriam a luta pela desnazificação da Ucrânia, que não passaria de uma extrapolação de fato por conta do Batalhão Azov, o qual realmente possui características fascistas, mas que não compõe a totalidade da política ucraniana. Além disso, a premissa básica de Putin de que os ucranianos não são um Estado soberano, porque tiveram sua independência plena após o fim da URSS é historicamente equivocada (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023). Apesar da Ucrânia, como país, ser relativamente nova, a nação ucraniana remonta à época da Revolução Bolchevique russa em 1917, pois houve uma “efêmera República da Ucrânia no período de 1918 a 1920, mas que acabou sendo incorporada de maneira forçada à URSS pelos Bolcheviques” (Segrillo; Reis; Ferraro, 2023, p. 14).

Portanto, a análise da tomada de decisão russa sobre a questão da invasão na Ucrânia traz à tona contribuições valiosas sobre o comportamento dos Estados diante de circunstâncias que evidenciam a natureza anárquica do sistema internacional e os resultados práticos do dilema de segurança. A análise do contexto histórico pela perspectiva russa (Segrillo, 2015); a observação da complexa dinâmica identitária russo-ucraniana (Figura 1); a classificação de Putin como ocidentalista moderado (Segrillo, 2016); e a discussão da estratégia norte-americana de Guerra Híbrida (Korybko, 2018), quando combinados, permitem validar a hipótese de que há uma relação de causa e efeito e uma correlação de aspectos históricos e de desdobramentos geopolíticos.

Entretanto, não há como afirmar com precisão se o resultado, isto é, a invasão da Ucrânia em 2022, poderia ter sido evitado caso o evento-chave desencadeador, a Crise na Crimeia em 2014, tivesse sido remediado ou solucionado antes, pois as “especificidades do evento desencadeador não podem explicar o resultado, porque muitos eventos prováveis poderiam ter sido substitutos dele” (Jervis, 2017, p. 136, tradu -

ção própria).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, realizou-se a análise do contexto histórico pós-Guerra Fria a partir da perspectiva da Rússia, evidenciando que o país passou a adotar, de forma gradual, uma postura mais assertiva em relação ao Ocidente, chegando ao ponto de recorrer à agressão contra nações vizinhas. Esse contexto pode ser dividido em períodos distintos, caracterizados da seguinte maneira: a Rússia enfraquecida, de 1991 a 1999; a Rússia assertiva, de 1999 a 2007; e a Rússia agressiva, de 2008 a 2024. Cada um desses períodos apresenta especificidades próprias, que se materializam em eventos-chave.

Assim, no período da Rússia enfraquecida, a análise identifica como eventos-chave a expansão da OTAN, a turbulenta transição da Rússia soviética para a Rússia capitalista e a Guerra da Chechênia. De maneira semelhante, durante o período da Rússia assertiva, é possível destacar como eventos-chave a cooperação entre Estados Unidos e Rússia no combate ao terrorismo no Afeganistão, as Revoluções Coloridas no Leste Europeu e o discurso do presidente Vladimir Putin na Conferência de Munique.

Este último se mostra particularmente relevante para a análise como um todo, uma vez que o líder russo busca explicitar sua percepção acerca de eventos centrais desses dois períodos, como a expansão da OTAN no imediato pós-União Soviética e as Revoluções Coloridas em anos anteriores. Por fim, o período da Rússia agressiva é marcado pela crise financeira do sistema capitalista, pela invasão russa à Geórgia, pela anexação da Crimeia, anteriormente pertencente à Ucrânia, e pela recente invasão russa em larga escala ao território ucraniano.

Dessa forma, os elementos levantados na análise do contexto histórico no primeiro capítulo permitem reunir evidências relevantes acerca das motivações e percepções da Rússia de Putin na região do Leste Europeu.

Em segundo lugar, foram abordados os desdobramentos geopolíticos da invasão russa à Ucrânia em 2022, evidenciando que as raízes do conflito russo-ucraniano se encontram tanto na questão identitária quanto nas intervenções nor -

te-americanas. Tais desdobramentos estão em consonância com os diferentes momentos do conflito, podendo ser divididos e caracterizados da seguinte forma: o início da invasão, que acarretou o acirramento das identidades no embate russo-ucraniano; a contraofensiva ucraniana, aliada às sanções impostas à Rússia; e o balanço do conflito em contraposição à estratégia de Guerra Híbrida dos Estados Unidos. Cada um desses momentos apresenta especificidades próprias, as quais se materializam em distintos desdobramentos geopolíticos.

Assim, a análise inicia-se com um paralelo com a crise na Ucrânia em 2014, a qual culminou na anexação da Crimeia pela Rússia. É importante destacar que, desde esse evento-chave, a relação entre os dois países não retornou à normalidade, configurando-se como um verdadeiro ponto de inflexão no conflito. Tal cenário pode ser explicado pelo fato de que a porção ocidental do território ucraniano, geograficamente mais próxima da Europa Ocidental, tende a buscar maior aproximação com a União Europeia e, por vezes, com a OTAN. Em contrapartida, a região oriental da Ucrânia, mais próxima da Rússia, frequentemente manifesta preferência por uma maior integração com o país vizinho. Essa divisão interna em torno do interesse nacional constitui um dos principais fatores desencadeadores do conflito.

Em terceiro lugar, buscou-se estabelecer um vínculo entre os principais eventos-chave e as percepções da Rússia acerca de seu relacionamento com o Ocidente, em especial com os Estados Unidos, com o objetivo de identificar possíveis distorções na percepção russa. Para tanto, buscou-se, por meio do conceito de percepção aliado à análise de decision-making, compreender as razões pelas quais as relações russo-ocidentais se deterioraram a ponto de culminar em um conflito armado entre Rússia e Ucrânia.

Nesse contexto, à medida que os interesses russos passaram a ser ameaçados, o governo da Rússia adotou uma postura mais incisiva e, por diversas vezes, agressiva, em consonância com um padrão histórico de comportamento progressivamente mais assertivo. Por outro lado, as iniciativas norte-americanas de guerra indireta influenciaram significativamente as percepções dos países da região. As Revoluções Coloridas,

especialmente na Ucrânia, contribuíram para a formação e o fortalecimento de movimentos de caráter anti-Rússia, culminando na derrubada de governos alinhados a Moscou.

Nesse sentido, ao se analisar o processo decisório do governo russo, é possível identificar determinados padrões. Argumenta-se que a geografia regional, em especial o relevo nas fronteiras entre Rússia e Ucrânia, desempenha papel central na motivação de Vladimir Putin para exercer influência na área. O argumento central sustenta que essa fronteira representa um risco potencial à segurança do Estado russo, uma vez que foi por essa mesma região que ocorreram invasões históricas, como as da França napoleônica e da Alemanha nazista. Por fim, outro elemento que contribui para a compreensão da percepção russa quanto à necessidade de exercer poder sobre a Ucrânia reside no fato de que esse território integrou, historicamente, o espaço do Império Russo. Tal argumento ganha força ao se considerar que Kiev, atual capital ucraniana, é frequentemente associada à origem do povo russo, que posteriormente se expandiu territorialmente até alcançar a região onde hoje se localiza Moscou.

Tendo em vista os últimos aspectos apontados por esta análise, é possível perceber que a decisão russa de invadir militarmente a Ucrânia em 2022 foi motivada, em parte, pelas intervenções dos norte-americanos. A motivação central seriam as vulnerabilidades geopolíticas na fronteira com a Ucrânia. Entretanto, não há como afirmar com precisão se o resultado, isto é, a invasão da Ucrânia em 2022, poderia ter sido evitado caso o evento-chave desencadeador, a Crise na Crimeia em 2014 não tivesse ocorrido. No entanto, ao revisitar a hipótese inicial que considerava a existência de uma relação de causa e efeito, constata-se que a correlação do contexto histórico, enquanto condicionante, e do movimento militar, enquanto desdobramento, realmente se sustenta. Ainda, a hipótese considerava que a invasão à Ucrânia em 2022 poderia refletir não apenas na insistência de rivalidades históricas, mas também em possíveis Misperceptions da Rússia sobre as intenções geopolíticas dos EUA. Porém, após entender o o significado das Revoluções Coloridas na região pelo prisma da estratégia de Guerra Híbrida, parece mais crível apontar a decisão russa de intervir militarmente na região do leste europeu

como uma resposta às intervenções dos norte-americanos. Esses, por sua vez, adotaram uma política externa com fachada de integração, impulsionados por supostas ilusões liberais, quando na verdade adotaram estratégias de uma Guerra Híbrida contra a Rússia.

Conclui-se que com a constatação de que a invasão russa à Ucrânia em 2022 se configura como um novo evento-chave e um novo ponto de inflexão no contexto histórico russo. Esse, por seu caráter recente, ainda carece de pesquisas e de mais autores analisando-o, sendo importante verificar se os padrões e as evidências levantadas por este artigo se sustentam no longo prazo.

NOTAS

¹Grau de bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Católica de Brasília. E-mail: felypeferreiraernesto@gmail.com.

²O Dombás (ou Donbass, forma transliterada do russo) é uma região no leste da Ucrânia, composta principalmente pelos oblasts de Donetsk e Luhansk, caracterizada por forte industrialização e presença de população russófona. Desde 2014 tornou-se foco de tensões separatistas e, a partir de 2022, palco central da guerra em curso entre Rússia e Ucrânia.

³A geopolítica norte-americana do séc. XIX se baseou no conceito de heartland. Trata-se de uma porção do território euroasiático que abarcava parte da Europa Central e parte do território russo. O autor John Mackinder passou a denominar essa área geográfica singular como heartland em 1919, aprofundando as explicações acerca do peso da geografia na distribuição de poder mundial ao longo da história. O heartland reunia condições basilares, sendo caracterizado por: i) uma grande extensão territorial contígua e pouco acidentada; ii) um vasto reservatório de recursos energéticos, minerais e de terras agricultáveis; e iii) uma fortaleza natural, dotada de profundidade estratégica, configurando-se como um espaço de difícil conquista externa por potências marítimas (Farias, 2022, p. 15-16). Entretanto, a potência que está localizada nessa faixa territo-

rial é a própria Rússia. Isso coloca os russos em rota de colisão com qualquer iniciativa de uma potência estrangeira no heartland, conforme explica Marshall (2015). Com os Estados Unidos essa dinâmica se mantém.

⁴As múltiplas formas de relacionamento entre Estados apresentadas pelo autor moldam-se a partir de três vertentes filosóficas distintas — “[...] cultura hobbesiana, cultura lockeana e cultura kantiana” (Mielniczuk, 2006, p. 11). A partir dessas culturas, estabelecem-se três princípios correspondentes — “a inimizade, a rivalidade e a amizade” (Mielniczuk, 2006, p. 12) — que determinam a natureza da interação entre duas nações. Vale destacar que essa análise é reduzida ao binômio “Eu e Outro” (Mielniczuk, 2006), o que facilita sua aplicação analítica. Nesse sentido, torna-se necessário selecionar determinados fatos históricos a fim de analisar os interesses dos países envolvidos e compreender de que maneira o fator identitário influencia suas percepções. Partindo do pressuposto de que a Rússia representa o “Eu” e o Ocidente, liderado pelos Estados Unidos, o “Outro”, e considerando como eventos-chave as Revoluções Coloridas — em especial a Revolução Laranja na Ucrânia em 2004 — até a invasão russa à Ucrânia em 2022 (QUADRO 1), é possível inferir que a interação entre esses atores se tornou progressivamente mais confrontativa ao longo do tempo.

⁵“Os ocidentalistas (Aleksandr Herzen, Vissarion Belinskii, Timofei Granovskii e outros) consideravam a Rússia um país europeu e defendiam as reformas de Pedro, o Grande, com sua modernização ocidentalizante” (Segrillo, 2016, p.16). Segundo Segrillo (2016), Boris Yeltsin seria um ocidentalista puro, enquanto Putin seria um ocidentalista moderado.

REFERÊNCIAS

A divided Ukraine. **CNN** [S. l.], 3 mar. 2014. Disponível em: <https://edition.cnn.com/interactive/2014/02/world/ukraine-divided/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BERTONHA, João Fábio. **Rússia**: ascensão e queda de um império. Curitiba: Juruá, 2009.

CAMPOS, Fred L. Siqueira; LOBO, Iuri Endo; AZEVEDO, Beatriz M. de. O ocidente como responsável pelas crises da Ucrânia e da Geórgia. **Revista Brasileira Estudos de Defesa**, [s. l.], v. 5, ed. nº 2, p. 113-136, 13 maio de 2019. DOI: 10.26792/RBED.v5n2.2018.75035 ISSN 2358-3932. Disponível em: <https://rbed.abedef.org/rbed/article/download/75035/42088/311495>. Acesso em: 22 nov. 2024.

FARIAS, Hélio Caetano. Geopolítica e Guerra na Ucrânia: Algumas Considerações. **Panorâmico**, Rio de Janeiro, vol. 1, ed. nº 02, p. 14-22, 20 abr. 2022.

JERVIS, Robert. **Perception and Misperception in International Politics**. New Edition. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2017.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Thyago Antunes. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MARSHALL, Tim. Russia, and the course of geography: Want to understand why Putin does what he does? Look at a map. **The Atlantic**, 31 de outubro de 2015. Disponível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2015/10/russiageographyukrainesyria/413248/>. Acesso: em 09 julho 2024.

MEARSHEIMER, John J. Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault: The Liberal Delusions That Provoked Putin. **Foreign Affairs**, vol. 93, no. 5, 2014, p. 77-89. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/24483306>. Acesso: em 09 julho 2024.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, vol. 28, ed. nº 1, p. 223-258, 31 jan. 2006.

PUTIN, Vladimir. Speech by Vladimir Putin at the Munich Security Conference 2007. **Munich Security Conference Archive**, Munich, 10 Feb. 2007. Disponível em: <https://securityconference.org/en/publications/books/selected-key-speeches-volume-i/2000-2009/speech-vladimir-putin-2007/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

SEGRILLO, Angelo. **De Gorbachev a Putin**: a saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo. Curitiba: Editora Prismas, 2015.

SEGRILLO, Angelo; REIS, Daniel Aarão; FERRARO, Vicente G. Jr. **On War**: Essays about the Russo-Ukrainian Conflict from a Global Perspective. São Paulo: FFLCH/USP, 2023.

SEGRILLO, Angelo. **Rússia**: Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente. 1. ed. Curitiba: Prismas, 2016.

WOOD, Tony. **Russia without Putin**. New York; London: Verso, 2018.